

# *Fax: a mais nova arma do arsenal de Antônio Carlos*

WALDOMIRO JÚNIOR

SALVADOR — Conhecido pelo estilo agressivo, o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) incorporou nova arma ao seu arsenal político: o fax. Através dele tem desferido ataques e se envolvido em polêmicas, não apenas com adversários, mas até com aliados, como na recente crise com o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause (PFL-PE), por conta da nomeação do superintendente do Ibama na Bahia.

— O fax é rápido e ninguém pode dizer que não recebeu — disse o senador, com as cópias das mensagens que envia.

Antes do fax, Antônio Carlos costumava atacar os desafetos por telefone. Mas, muitas vezes, os interlocutores depois negavam que a conversa tivesse ocorrido. Há cinco anos, quando ocupava o Governo da Bahia, passou a utilizar o fax, que deixa o registro impresso de horário, data e telefone para o qual foi transmitido.

Uma das primeiras vítimas foi o seu mais tradicional adversário político: o ex-governador Waldir Pires (PSDB), com

quem manteve acirrada correspondência. O ex-presidente Itamar Franco e o ex-governador do Rio Leonel Brizola também figuram na lista dos atingidos pelo fax de Antônio Carlos, assim como empresários e jornalistas.

Na crise com o também pefelista Gustavo Krause, que nomeou para a Superintendência do Ibama na Bahia o professor José Guilherme da Mota — indicado pelo ex-governador Roberto Santos (PSDB), antigo adversário político de Antônio Carlos — o senador repetiu o tom irônico que caracteriza a maioria das 300 mensagens que, nos últimos anos, enviou por fax a adversários.

— Eu sou do Olodum, não sou do Galo da Madrugada. Estou em Brasília para trabalhar pela vitória do Governo — disse ele.

Dos três aparelhos de fax do senador (um em seu apartamento em Salvador, outro no escritório político, também na capital baiana, e o do gabinete no Senado) também partem conselhos — como os endereçados ao então presidente Fernando Collor, advertindo-o sobre a corrupção em seu Governo — ou mensagens fraternais, como as endereçadas ao amigo Jorge Amado.

— De crítica ou carinho, a palavra escrita fica por mais tempo que a falada — diz Antônio Carlos.